



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



O CONTEXTO HISTÓRICO DA PENETRAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL: *FLASHES* DA COLÔNIA

Roberto Carlos Bastos da Paixão[1]

Elisson Souza de São José[2]

Leandro dos Santos[3]

Eixo temático: 11- Educação, Sociedade e Práticas Educativas

RESUMO

Este artigo versa sobre revisão de literatura e tem como principal objetivo descortinar parte do contexto histórico da penetração da língua inglesa no Brasil em *flashes* da colônia (século XIX). A intenção é a de avistar lances da movimentação de um período de muita importância para a formação do povo brasileiro. Naquele contexto se encontram os primeiros momentos em que foram ouvidos os sons da língua inglesa e avistados os textos escritos sobre o Brasil por representantes do povo inglês. Trata-se de uma ocasião única e distinta na qual adentra no território uma língua que, posteriormente, pela presença do povo norteamericano foi alçada à categoria de língua de abrangência mundial. De lá para cá, quando a Humanidade vivencia um período de intensas e velozes transformações. E, é nesse novo contexto que a língua inglesa ainda mais se insere, agora com as características da moderna globalização. A justificativa do presente estudo se consolida em função da exiguidade de fontes de pesquisa, atestada, inclusive por estudiosos da temática. Ver (Santos, 2007).

Palavras-chave: Contexto histórico, Século XIX, Inglês.

ABSTRACT

This article reviews the literature and has as its main goal to unveil part of the historical context of the penetration of English in Brazil in flashes of the colony (nineteenth century). The intent is to view sights of a period of great importance for the formation of the Brazilian people. In that context are the first moments that were heard the sounds of English and sighted texts written by English people. This is a unique opportunity and distinct in which enters within a language, then by the presence of the American people was raised to the rank of world-wide language. From then until now, when humanity goes through a period of intense and rapid transformations. And it is in this new context that the English language falls further, now with the characteristics of modern globalization. The rationale of this study is consolidated due to the paucity of research sources, attested, by the scholar. See (Santos, 2007).

Keywords: Historical context, Nineteenth century, English.

A Inglaterra é o berço da língua inglesa e foram, posteriormente, os Estados Unidos da América do Norte a

conduzir o idioma ao *status* de língua mundial. Foi a partir do século V que o inglês foi se espalhando pelas Ilhas Britânicas, pelo País de Gales, Cornwall, Cumbria e sul da Escócia, "locais em que predominavam as línguas celtas" Nos estudos de Schütz (2012, p. 1), considera que "Há indícios de presença humana nas ilhas britânicas já antes da última era do gelo, quando as mesmas ainda não haviam se separado do continente europeu e antes dos oceanos formarem o Canal da Mancha".

O conceito de história como processo sugere, de pronto, questionamentos sobre inteligibilidade e intenção, pois "cada evento histórico é único. Mas muitos acontecimentos, simplesmente separados no tempo e no espaço, revelam, quando, se estabelece relação entre eles, regularidades de processo" Thompson (1981, p. 97).

E, para tentar tornar inteligível esse período da história da educação brasileira no momento em que se inicia o processo que vai institucionalizar o ensino de língua inglesa no Brasil, busca-se compreender a identidade social de um sujeito representado na figura do professor de Língua Inglesa como elemento de importância no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem desse idioma estrangeiro em território brasileiro em pleno período da Colonização.

Como assevera Bontempi (1995, p. 95), com relação às grandes classes "Períodos", o colonial, que é "muito mais longo com relação aos demais é, de longe, o menos estudado". A propósito, "a maior parte dos estudos de História da Educação foi produzida sem levar em consideração o que ocorria nos círculos acadêmicos da História, como comprovam os estudos de Mirian Warde e Bruno Bontempi Junior" (NASCIMENTO, 2003, p. 23).

Tendo em vista a questão da periodização, tome-se a palavra de Toledo (1995) que, ao examinar a importância de Fernando de Azevedo para a historiografia da educação brasileira, referiu-se ao período histórico em que uma obra é produzida e que, na perspectiva azevediana é o principal marco da obra, pois, "é a partir do presente, ou do ponto mais evoluído da civilização, que a pesquisa do passado é conduzida".

No que se refere aos temas e períodos tratados em estudos sobre a historiografia da educação brasileira, Warde (1980) constatou, na análise dos trabalhos selecionados para análise, a preferência por uma periodização predominantemente assinalada por fatos políticos e referentes à fase republicana (Era Vargas e Estado Novo), concluindo que esse resultado implica em desinteresse na investigação histórica (NASCIMENTO, 2003).

Quanto ao período do Brasil Colônia, importa investigar sobre a presença e a atividade dos ingleses no país para assim se obter um melhor entendimento desse encontro de culturas. Essa influência britânica se fez sentir de muitas formas, desde a maneira de se vestir à de falar. Ainda quanto aos costumes que se desenvolviam em terras brasileiras a partir da influência dos ingleses, cabe ressaltar que

Com relação ao estilo de vida, outro aspecto importante na sociologia de Freyre, cabe ressaltar a forte influência dos interesses comerciais do industrialismo inglês, por meio da mudança de hábitos, nas construções de casas, jeito de vestir, moda, tecidos grossos inadequados ao clima brasileiro tropical. Agora no Brasil se bebia cerveja e se comia pão, como os ingleses (RODRIGUES, 2003, p. 59).

Todo um clima inglês nos espaços coloniais brasileiros é narrado por Freyre (2000). O sociólogo, autor de *Ingleses no Brasil*. Desde

[...] a letra manuscrita que se alterou no Brasil com a presença dos ingleses nas principais cidades, passando da rigidez perpendicular _ a antiga letra portuguesa _ para a inclinação de trinta e cinco graus, característica à língua inglesa,

mas também a letra de imprensa. Foram introduzidos no ensino o método de Lancaster e o livro de Mr.

Gardien sobre pedagogia. No *Jornal do Commercio* e no *Diário de Pernambuco* era costumeira a publicação de anúncios de aulas, dança e do ensino prático feito de forma particular (em domicílio do aluno ou do professor) com o objetivo de ensinar a escrever com o desenho da letra manuscrita no modelo inglês. Adianta Freyre que naquele tempo o "Inglês era língua que figurava nos cursos oficiais", e que foi publicado no *Diário de Pernambuco* de 26 de fevereiro de 1836 que o padre-mestre Miguel Lopes Gama avisava sobre a substituição das cadeiras de inglês e de Francês do Colégio das Artes (de Olinda). O mesmo *Diário de Pernambuco*, em 30 de junho de 1838, publicou um anúncio referente a determinado professor de língua inglesa, Carlos Van Nes, do Liceu de Pernambuco. "Por essa época", adianta Freyre (2000, p, 270), "eram já numerosos os professores de inglês com anúncios nos jornais do Rio de Janeiro", Professor João Lourenço Toole é nome de professor de inglês constante de publicação em jornal da época. Havia também avisos relacionados à senhoras inglesas que se prestavam a ensinar, a serem preceptoras ou governantes, mas todos sempre faziam questão de acrescentar ao reclame publicitário o fato de serem ingleses, algo como se isto fosse garantia de qualidade. Acrescentou o estudioso que já existia, no Rio de Janeiro, escola inglesa para as crianças filhas de pais ingleses e, até em Pernambuco, um "súdito" inglês de nome José de Maya se oferecia para ministrar aulas particulares de língua inglesa. "E não nos esqueçamos da mais ilustre das governantes inglesas que viveram no Brasil da primeira metade do século passado: Maria Graham. Foi ela governante da princesa Dona Maria da Glória". Freyre (2000, p. 272).

Do padre Tilbury _ que ensinou inglês a D. Pedro I _ convém notar que não era apenas professor de sua arrevesada língua. A julgar pelos anúncios de jornal, havia nesse padre ilustre um verdadeiro humanista. Além de Inglês, oferecia-se aos brasileiros, pela *Gazeta do Rio de Janeiro* de 3 de janeiro de 1821, para ensinar-lhes 'Francez, Geographia e Bellas Lettras' Freyre (2000, p. 273).

Assim, aproveitando-se o que se supunha de melhor, os ingleses eram seguidos, imitados, inclusive nascendo aí o encantamento do povo brasileiro pelo idioma bretão. Gilberto Freyre, por exemplo, ficou conhecido pela sua anglofilia. O brasileiro de Pernambuco declarou sentir "um amor físico e ao mesmo tempo místico à Inglaterra" e chegou mesmo a admitir que às vezes pensava e até sentia em inglês". A propósito, " *Ingleses no Brasil* é um variado, colorido e, muitas vezes, confuso mosaico descritivo das marcas aqui deixadas por eles, especialmente no séc. XIX, quando o país se tornou o terceiro maior mercado externo da Grã-Bretanha" Pallares-Burke (2001, p. 227).

Esse processo de mudanças que vão atingir o Brasil tem início quando Portugal enfrentava o Bloqueio Continental

[...] imposto por Napoleão Bonaparte, no início do século XIX. Esse evento forçara a Família Real a fugir, com apoio da Inglaterra, para o Brasil. A administração de D. João perdurou de 1808 a 1821, período conhecido como "joanino" (FRANÇA, 2008, p. 78).

O embarque da Família Real portuguesa para o Rio de Janeiro ocorreu na véspera da entrada das primeiras tropas francesas, e já havia em Portugal a crença de que o Brasil seria o país que reunia todas as condições, tanto para o estabelecimento da Corte quanto para a construção de um império. Foi dentro de tal expectativa que, no ano de 1808, aconteceu a chegada de D. João com a família real, o que imprimiu alterações organizacionais e administrativas em virtude da

[...] transferência para o Rio de Janeiro do governo, das repartições e dos tribunais vindos de Lisboa. As Secretarias de Estado funcionavam na nova capital, ali se estabelecendo os órgãos de administração pública e da justiça (VICENTE, 1993, p. 200).

Foi a notícia da divisão de Portugal por tropas de Bonaparte que fez Dom João de Bragança embarcar em direção ao Brasil em uma frota sofrível e acompanhada por navios ingleses. Chegaram à Bahia no dia 22 de janeiro de 1808. A seguir o monarca abre os portos do país ao estrangeiro através da Carta Régia

datada de 28 de janeiro, apenas seis dias após a chegada. Já no Rio de Janeiro, fundou a Imprensa Régia e as obras assim começaram a ser editadas no Brasil, veio assim a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, também em 1808, inaugurando o jornalismo brasileiro. Dois anos depois foi a vez da fundação da biblioteca que se tornou a Biblioteca Nacional, também criada por D. João VI que, para tanto, doou os próprios livros. A biblioteca só foi entregue ao público no ano de 1914 e dispunha de cerca de 60 mil exemplares. A movimentação continuou e, ainda nesse importante ano de 1808, foi criada a Academia de Marinha; a Academia Real Militar, em 1810 a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, em 1816, esta depois se transformou na Real Academia de Pintura. Deste ponto em diante foram criados vários cursos e outras instituições pelo país, notadamente na Bahia, em Minas Gerais, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e na Paraíba (AZEVEDO, 1971). O processo de formação da educação brasileira se encontrava influenciado pelas determinações da "legislação pombalina" criadas em Portugal.

São conhecidas as reformas na instrução primária e secundária promovidas pelo Marquês de Pombal, bem como a adoção de providências como a realização de concursos para a admissão de professores que atuavam no Brasil aos quadros do Estado português. (Nascimento, 2010, p. 147).

Segundo Alves (2005, p. 52), foi instalado, inaugurado e aberto ao público, em 3 de fevereiro de 1871, no Estado de Sergipe, o Atheneu Sergipense, com a frequência inicial de "117 alunos no Curso de Humanidades e de apenas 4 alunos no curso Normal [...] (idem, p. 53). O quadro de docentes incluído pela estudiosa em foco informa que fazia parte do corpo docente do Atheneu, naquele ano, como professor de Gramática e Tradução da Língua Inglesa o Professor Justiniano de Melo e Silva.

Entretanto, como estabelece Azevedo (1971, p. 557),

A única instituição de cultura geral criada, desde a Independência até a República, foi o Colégio Pedro II, fundado em 1837 _ excelente estabelecimento de ensino secundário em que os estudantes, terminado o curso de sete anos, recebiam o grau e as cartas de bacharel em letras, depois de prestarem o juramento perante o ministro do Império que lhes punha sobre a cabeça o barrete branco da Faculdade de Letras (art. 7º. do dec. de 20 de dezembro de 1843).

O plano inicial do Colégio Pedro II, conforme elucida Azevedo (1971, p. 558), privilegiava o ensino literário de base clássica e esta predominância se acentuou a partir do plano sugerido pelo reitor Joaquim Caetano da Silva e aprovado por Antônio Carlos, no novo regulamento datado de 1º de fevereiro de 1841. O curso passou, então, de quatro para sete anos e eram ensinadas línguas antigas como o latim e o grego _ e também as modernas, a exemplo do inglês, do francês e do alemão. Os primeiros professores de Inglês nomeados por D. João VI formularam gramáticas para utilização durante as aulas, à exceção de Jean/John/João Joyce.

Com a definitiva fixação da corte em terras brasileiras, deu-se, logo a seguir, a implantação do ensino de Inglês no Brasil. No que se refere à história do ensino da língua inglesa no período joanino, destaque-se que interessava à Coroa portuguesa a educação da elite colonial tendo em vista a necessidade do preenchimento de cargos nas áreas mercantis, militares e jurídicas (VIDOTTI, 2010).

Não demorou muito e D. João VI assinou um decreto, em 22 de junho de 1809, criando a primeira Cadeira de Inglês no Brasil, o que era providenciado através de Cartas de nomeação assinadas por D. João. Dessa forma foi nomeado o primeiro professor de Inglês no Brasil, o padre irlandês Jean, John, (João) Joyce, em 9 de setembro de 1809 (OLIVEIRA, 2006).

Do ponto de vista dos atos e movimentações diplomáticas, o ano de 1810 ficou na história do Brasil em virtude dos diversos tratados que foram assinados por D. João com a Inglaterra. O mais importante deles

foi o TRATADO DE COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO, que baixava consideravelmente a taxa sobre a importação de produtos ingleses que, dessa forma, dominavam a concorrência no mercado brasileiro. Dentro de uma realidade econômica e social deste tipo pode-se depreender o quanto a língua inglesa penetrou na sociedade brasileira e como tantos precisavam aprendê-la em sua oralidade e escrita, especialmente os diplomatas e os ligados ao comércio.

Entre as iniciativas de Dom João, pode-se elencar o estímulo à educação, à ciência e às artes; a instalação da primeira tipografia do Brasil e inauguração da Imprensa Régia, em maio de 1808. Em setembro do mesmo ano começa a circular A Gazeta do Rio de Janeiro. Por outro lado, a imprensa brasileira nasce efetivamente em Londres, com a criação do Correio Braziliense, o primeiro jornal periódico, produzido em Londres, pelo jornalista brasileiro, Hipólito José da Costa, e destinado a leitores brasileiros. A remessa para o Brasil era feita de forma clandestina. O Jornal era favorável à monarquia, mas de cunho liberal, defendia em suas matérias um projeto de abolição da escravatura que deveria ser realizado por etapas e que a substituiria pelo trabalho assalariado e o incentivo à imigração. O *Correio Braziliense* circulou ininterruptamente entre 1808 e 1822.

Essa ambiência dos anos de oitocentos no Brasil apresenta também uma relação com a língua inglesa, não apenas na oralidade, nas conversações em que atuavam os primeiros *línguas* que faziam valer a comunicação no comércio, nos navios mercantes, mas também com o texto escrito, os documentos de toda sorte. Lima (2011, p. 1) se dedicou a investigar a produção escrita elaborada por estrangeiros sobre o Brasil, que “foi notória desde os tempos coloniais”: “No caso da escrita da história, coube aos ingleses os primeiros relatos, em meados do século XIX, que procuraram ordenar uma série de eventos, até então desconexos em uma narrativa coesa”. Ao comentar os resultados da pesquisa aqui apresentada, a primeira e mais assentada consideração é a de que há ainda bastante espaço para continuar a investigação que apresente com mais nitidez e detalhe o contexto histórico do momento inicial da penetração da língua inglesa no Brasil, suas causas e ligações com o contexto sócio, político, econômico e cultural.

Entre as cenas iluminadas via consulta às fontes secundárias, foi possível avistar Dom João saindo de Portugal e, com sua família real, aportando em terras brasileiras. Mesmo que fugindo das estratégias de Napoleão Bonaparte, os portugueses trouxeram para estas terras a sua cultura, o seu *modus vivendi* e, aliados que eram da Inglaterra, naquele momento, foram também responsáveis pela entrada dos ingleses e de sua língua, cultura e trabalho no Brasil. Mais se poderia inferir desse processo que tem estreita ligação com a institucionalização do idioma inglês na educação brasileira através do aprofundamento da pesquisa. Esta é a nossa contribuição. Pequena, sim, mas útil e prazerosa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: traços de uma história. Aracaju: Adgraf gráfica e editora, 2005.

AZEVEDO, Fernando de. **As origens das instituições escolares**. In: A cultura brasileira. Parte III – A transmissão da cultura. 6 ed. Brasília: UNB, 1996.

BONTEMPI Junior, Bruno. **História da Educação Brasileira**: o terreno do consenso. São Paulo, PUC, 1995. Dissertação – Mestrado em Educação.

FRANÇA, S. F. **Uma visão geral sobre a educação brasileira**. Disponível em: http://www.upis.br/posgraduacao/revista_integracao/educacao_brasileira.pdf. Acesso em: 15.maio.2013.

FREYRE, Gilberto. **Inglês no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

LIMA, Gislaine P. **Breve trajetória da língua inglesa e do livro didático de inglês no Brasil**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/GislainePLima.pdf>. Acesso em: 14.abr.2013.

LOBO NETO, F. J. da S. **O Iluminismo e as reformas Pombalinas**. Disponível em: http://www.floboneto.pro.br/_pdf/histeduc/2.05%20iluminismo.pdf. Acesso em: 15.abr.2013.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana**: uma crítica aos estudos de história da educação. São Cristóvão: GEPHE/NPGED, 2003.

_____, Jorge Carvalho do. **Dois cartas de Luís Antonio Verney**: o verdadeiro método de estudar e a reforma pombalina. In: OLIVEIRA, Luiz Eduardo Menezes de (org.). *A legislação pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações para a educação brasileira (1757-1827)*. Maceió: EDUFAL, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Menezes de. **A instituição das línguas vivas no Brasil**: o caso da Língua Inglesa (1809-1890). Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Histórica, Política e Sociedade. São Paulo, 2006.

_____, Luiz Eduardo Menezes de. **A invenção da tradição ou o mito da modernidade**. In: OLIVEIRA, Luiz Eduardo Menezes de (org.). *A legislação pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações para a educação brasileira (1757-1827)*. Maceió: EDUFAL, 2010.

PACHECO, M. M.; AMORIM, S. S. **Percurso Histórico do Ensino de Inglês no Brasil**: A abordagem comunicativa e o livro Didático do Yázigi. 2009. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xicnlf/10/percurso_historico.pdf. Acesso em: 13.maio.2013.

PALLARES-BURKE, Maria L. G. **Inglês no Brasil**: um estudo de encontros culturais. *Tempo Social; Rev. Sociol.* São Paulo: USP, 2001.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A sociologia de Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro**. Disponível em: revistas.unipar.br/akropolis/article/download/331/298&lr=1; Acesso em: 12.mai.2013.

SCHUTZ, Ricardo. **História da língua inglesa**. English made in Brazil. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>. Acesso em: 14.abr.2013.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Fernando de Azevedo e a Cultura Brasileira ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura**. São Paulo: PUC, 1995. (Dissertação – Mestrado em Educação).

VICENTE, A. P. **Política exterior de D. João VI no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v7n19/06.pdf>. Acesso em: 15.abr.2013.

VIDOTTI, Joselita J. V. **Há 200 Anos: Representações Sobre o Ensino da Língua Inglesa no Brasil**. In: Revista CONTEXTURAS: ensino crítico de língua inglesa, v. 16. São Paulo: APLIESP, 2010.

[1] Mestrando em Educação pela UFS, pesquisando sobre a institucionalização da profissão de tradutor público e intérprete da oralidade, orientando do Prof. Dr. Luiz Eduardo Menezes de Oliveira. E-mail: yeper_rp@hotmail.com

[2] Formado em Português-Inglês e especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa. Atualmente faz Mestrado em Educação e especialização em Psicopedagogia. Também faz parte do grupo de pesquisa NECUFS. Email: elisson.tj@hotmail.com

[3] Mestrando em Educação, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior, Licenciado em Pedagogia. E-mail: lds747@hotmail.com